

ENSINO & MULTIDISCIPLINARIDADE

Jul. | Dez. 2019 – Volume 5, Número 2, p. 80-91.

As Tecnologias de Informação e Comunicação viabilizando laços entre encontros imprevisíveis e a aprendizagem

Information and Communication Technologies enabling links between unpredictable encounters and learning

Sansão Albino Timbane¹ - <https://orcid.org/0000-0001-9393-2680>

Raquel Scremin² - <https://orcid.org/0000-0001-9511-4032>

¹ Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade Pedagógica de Maputo (UPMaputo). Director do centro de Informática (CIUP), Maputo, Moçambique. E-mail: sansaot@gmail.com.

² Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede e Informática na Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Educomunicadora e Produtora Editorial na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Brasil. E-mail: raquelscremin@gmail.com.

Resumo

O presente estudo trata dos usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no campo educacional como forma de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e sua gestão. Um formulário online, WhatsApp e Facebook foram ferramentas utilizadas para avaliar o manifesto eleitoral de um candidato à direção de uma faculdade e buscar subsídios que pudessem enriquecer o programa de governação. O estudo é baseado na teoria do acto ético em Mikhail Bakhtin (2012). Metodologicamente, 32 colaboradores (alunos, funcionários administrativos e professores) da Escola Superior Técnica da Universidade Pedagógica de Maputo (ESTEC) foram convidados a dar sua opinião sobre gestão democrática e colaborativa nessa escola. Os resultados emergentes apontaram para uma correlação positiva entre a interação e a gestão participativa. Verificou-se que a empatia com as idéias dos colaboradores contribuiu significativamente para a melhoria do programa de governação. Sugere-se que as TIC possam ser usadas para inspirar professores e gestores a entender melhor os seus alunos e contribuindo para o aprimoramento da qualidade do Processo de Ensino-Aprendizagem.

Palavras-chave: Tecnologias na Educação. Imprevisibilidade e aprendizagem. Colaboração.

Abstract

Abstract. The present study deals with the uses of the Information and Communication Technologies (ICTs) in the educational field as means to facilitate teaching and learning process and its management. An online form,

Como citar: TIMBANE, S. A.; SCREMIN, R. As Tecnologias de Informação e Comunicação viabilizando laços entre encontros imprevisíveis e a aprendizagem. *Ensino e Multidisciplinaridade*, v. 5, n. 2, p. 80-91, 2019.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

WhatsApp and Facebook were tools used to evaluate the electoral manifesto of a candidate for the direction of a faculty and to seek subsidies that could enrich the candidate's governance program. The study is ethical act based theory of Mikhail Bakhtin (2012). Methodologically, 32 collaborators (students, administrative staff, and teachers) from the Pedagogical University High Technical School (ESTEC) were invited to give their opinion on democratic and collaborative management at this school. The emerging results pointed to positive correlation between interaction and participatory management. It was found that empathy with to the collaborators ideas contributed significantly on the improvement of the governance program. It is suggested that ICTs can be used to inspire teachers and administrators to better understand their students and improve the quality of the Teaching-Learning Process.

Keywords: Technology in Education. Unpredictability and learning. Collaboration.

Introdução

O mundo vive um ambiente de pluralidade tecnológica e de conteúdo, caracterizado pela explosão e evolução tecnológica dos sistemas computacionais (microcomputadores, supercomputadores, mainframes), concernente a suas capacidades de processamento, armazenamento, versatilidade, interação homem-computador e, ainda, pela ubiquidade da tecnologia, propiciada pelas redes integradas de transmissão de dados (internet, televisão, comunicações móveis), possibilitando o acesso e (re)criação¹ rápidos e instantâneo da informação (e conhecimento) e, das atmosferas de produção de conhecimento.

Esta rápida evolução e difusão das Novas Tecnologias da Informação, particularmente as associadas aos computadores e às comunicações e as suas implicações para a Educação, trazem novas exigências ao sistema educacional e conseqüentemente à formação de professores.

Segundo Berners-Lee et al. (1994, p. 76), a *Web* “foi desenvolvida para ser um repositório do conhecimento humano, que permitiria que colaboradores em locais distintos partilhassem as suas ideias e todos os aspectos de um projecto comum”. De facto há bastante conteúdo na *Web*, há cada vez mais artigos científicos, resultados de pesquisas científicas, inovações e experiências de práticas de ensino-aprendizagem (pedagógica) a serem depositadas na *On-line*, o que contribui para que “o dilúvio informacional jamais cessará. (...) Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar”, refere Lévy (2011, p. 15).

Portanto, as condições supra referenciadas permitem-nos dizer que o conceito e o paradigma de educação em rede estão enraizados no pensar e fazer pedagógico e, muitas vezes integrando-se mutuamente os conceitos de educação presencial e educação à distância.

O dilúvio informacional representa o segundo dilúvio (de Noé) em que cada sujeito, na sociedade em rede, é uma totalidade não autossuficiente. O sujeito é um micromundo que estabelece interconexões com as redes de outros micromundos, atualizando constantemente o seu estado, ganhando e influenciando novos sentidos, num autêntico processo de criação, de aprendizagem através da problematização, virtualização e atualização do real.

O processo de apropriação das TIC tem se revelado longo, gradual e demarcado por avanços e retrocessos, quer do ponto de vista tecnológico (equipamentos e infraestrutura de suporte) e metodológico (pedagógico). Enquanto a técnica caminha numa velocidade e

¹ (Re)criação: trata-se de um movimento duplo de criação e recriação por aproveitamento do já existente. Uma criação que aponta para a produção de algo novo e ou inovador.

sucessão galopante, a reflexão sobre o seu uso caminha lentamente, a velocidade de camaleão, alimentando o consumismo tecnológico e as apologias aos seus artefatos. Nesse sentido, a tecnologia vicia e condiciona a produção e a produtividade na contemporaneidade. Com base na perspectiva guattariana da heterogeneidade da subjectividade, podemos afirmar que urge transgredir, subverter a ordem (realidade) imposta pelos agenciamentos maquínicos da tecnologia.

A subjectividade, entendida como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992, p. 19), sofre influência de sistemas tradicionais (infraestrutura material e superestrutura), como também de aspectos etológicos (estudo do comportamento humano), os ecológicos (relação indivíduo e seu meio) e as máquinas sociais (a influência das máquinas e da tecnologia na informação e comunicação sobre o núcleo da subjectividade humana) relativos à subjectividade. Portanto, a relação do sujeito com a tecnologia é também um factor determinante na produção da subjectividade, seja ela individual ou colectiva.

À partida, duas atitudes se vislumbram, adaptar-se ou render-se perante a tecnologia. Contudo, outra saída consistiria em partir dessa situação que impele a tal rendição e criar novas formas de fazer e viver com essa tecnologia. Ora, esta mudança de paradigma na educação se torna possível se, a formação de professores incidir “não só sobre a utilização da tecnologia, mas também sobre a sua integração pedagógica na sala de aula” (CARVALHO, 2007, p. 27).

Neste contexto, o presente artigo trata de tecer algumas considerações relativamente às condições para a aprendizagem, mediante a utilização articulada de três ferramentas das Tecnologias de Informação e Comunicação num exercício de escuta do outro e suas implicações éticas/estéticas no paradigma bakhtiniano, partindo de uma experiência de busca de elementos para uma gestão colaborativa-democrática (num processo eleitoral) e constituindo-se como estratégia para reflectir sobre a actividade do professor. Representa um referencial de orientação na busca de casos de aproveitamento das Tecnologias de Informação para a sua rentabilização no contexto do ensino e aprendizagem e na sua gestão.

Imprevisibilidade e aprendizagem

Um dos maiores dilemas do professor é descobrir a forma mais simplificada de fazer com que os seus alunos aprendam sobre os conteúdos vinculados à disciplina específica que este esteja leccionando. Para o efeito, o professor procura resposta/s em manuais de didáctica geral e específica, procura apropriar-se do conteúdo da disciplina que vai leccionar.

Serão essas ferramentas e estratégias por si só suficientes para auxiliar o trabalho do professor e estimular a aprendizagem dos alunos? Sim, para algumas situações mais técnicas e mesmo de produção de reprodução². Todavia, quando se trata da vivência de valores, a escola não ensina ninguém a agir de forma ética, podendo oferecer condições e indicações para que os sujeitos desenvolvam a ética a partir de experimentações que envolvem um contacto com os

² Para Deleuze e Guattari (2014), no que diz respeito à produção de subjectividade, o Mundo é pura produção, é produção desejanse: é produção de produção (invenção, criação de algo novo); é produção de reprodução (reprodução de modelos institucionais e psicológicos, modos de funcionamento); produção de anti-produção (processos que caminham na contramão da produção. Destruição da possibilidade de inventar outros actos de criar).

valores axiológicos. O professor poderia buscar experiências e exemplos de sucesso com seus pares, procurar conhecer melhor os seus alunos (suas motivações e limitações de aprendizagem), levar em consideração a atmosfera da aprendizagem e o tipo de interação que esta permite desenvolver para estimular a aprendizagem.

Neste sentido e, sobre a aprendizagem, Deleuze (2003) afirma que:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende: mas de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente ‘bom em latim’, que signos (amorosos ou até inconfessáveis) lhe serviram de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende (DELEUZE, 2003, p. 21).

Uma das bases do Processo de Ensino-Aprendizagem é a interação nas suas variadas dimensões e, tem fundamento na comunicação didática. Esta última, se situada no campo dialógico na perspectiva bakhtiniana, leva em consideração o fundo imperceptível do outro e configura um acto ético e estético manifesto no exercício da alteridade; alternância dos sujeitos falantes e ou enunciados. Relativamente ao “outro”, Bakhtin refere que,

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em um novo plano da existência (BAKHTIN, 2011, p. 33).

Maior que o meu enunciado é o enunciado produzido pelo outro na interação como a minha propositura enunciativa. Nessa base, comunicar significa ser para o outro e, através dele, para si. O meu ser/agir ganha potência ética justamente quando leva em consideração a presença dos outros no exercício da minha liberdade, fundamento da minha responsabilidade (acto ético/responsável) nas deliberações que faço livremente, e que pode ser entendida, na perspectiva bakhtiniana, como o meu “não-álibi no ser”, vivenciado através da arquitectónica da relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim (BAKHTIN, 2011).

Axt e Machado (2014) reforçam o princípio da alternância dos sujeitos falantes sobre um determinado objeto discursivo como constitutivo da relação dialógica, da polifonia e da capacidade do sujeito refletir sobre si. As autoras, com referência em Bakhtin, consideram que, na relação dialógica,

o ‘outro’ não apenas participa de uma conversa, de um diálogo, o ‘outro’ é imprescindível, e constitutivo *da relação na linguagem*: o outro, tanto se faz presente em diferentes planos no enunciado, podendo ser visível ou não, como também se faz presente através de outros discursos, os quais se atravessam no discurso em construção (AXT; MACHADO, 2014, p. 58).

Portanto, é no encontro e enfrentamento entre duas consciências heterogênicas, não necessariamente contraditórias, que estas se permitem questionar mutuamente e produzem

novas formas de interpretar a realidade, os sujeitos destas consciências tem aí as condições práticas para a aprendizagem.

O exercício prático da arquitectónica do Bakhtin e do deslocamento do campo das ideias para o campo da acção exige da consciência do sujeito um certo distanciamento³ que amplie a contemplação do eu que o contexto/problema/objecto/fenómeno/processo me proporciona, que só é possível pelo meu olhar sobre este outro inacessível a mim a partir da minha posição, mas acessíveis ao outro que me engloba e me acaba – que abre ao inusitado, ao imprevisito, à produção de sentidos, à aprendizagem.

Axt e Elias (2004) reforçam-nos a ideia de Deleuze (2003) sobre as incertezas acerca de quando e como os processos interactivos teriam produzido aprendizagem no sujeito e afirmam que, no processo de ensinar-aprender, a aprendizagem deve ser considerada na sua imprevisibilidade porque é atravessado por movimento violento de produção de sentido como acontecimento⁴.

Para as autoras, “deve-se conceber a aprendizagem como processualidade implicaria considerar, também, a dimensão do sentido/acontecimento como o incorporal que, violentando o pensamento, forja caminhos inesperados e diferenciados no aprender” (AXT; ELIAS, 2004, p. 26). O aprender como acontecimento implica em resultados que não estavam evidentes, que não eram óbvios.

Ainda com base nas autoras, a aprendizagem advém de questionamentos produzidos pelo sujeito de aprendizagem, a partir de arranjos muitas vezes inusitados. É uma actividade de risco e desafio, acarreta desequilíbrios/sofrimento emocionais, psicológicos, fisiológicos, por dúvida, incertezas e pelo desabrochar de imprevisitos. Os imprevisitos, as provocações, incertezas podem ser tidos como aberturas que proporcionam ao sujeito deslizamentos em novos territórios em movimentos que o levam a estabelecer novas relações de criação, invenção, de produção de sentido-aprendizagem.

É precisamente no desabrochar dessas incertezas e dúvidas sobre o alcance da mensagem contida no manifesto eleitoral que, face às interpelações do eleitorado, surge a necessidade de elaboração de estratégias de produção de materiais de disseminação do plano de governação, o registo de lições aprendidas e, com isso, subverter e ressignificar os usos das ferramentas tecnológicas e das aprendizagens decorrentes deste processo. Tendo em conta que estas inquietações atravessam o cotidiano do professor, este exemplo serve como estratégia de apoio como pode ser visto na sessão seguinte, em que se apresentam os passos em que compõem essa estratégia de unir ferramentas tecnológicas como o ensino e aprendizagem e sua gestão.

Compondo a estratégia para visualizar o outro na prática colaborativa

Pensar a prática colaborativa recobra os conceitos de liberdade e de democracia. De maneira muito simplista, Abraham Lincoln define democracia como o governo do povo, pelo povo, para o povo. A liberdade é o factor que condiciona a possibilidade do enfrentamento do caos, de ousar, de pensar, aumenta a potência de agir, de inventar soluções para os problemas com que o sujeito se depara no seu ambiente de interacção económica, política, académica, cultural, social, etc. A educação liberta a mente para o exercício consciente da sua liberdade,

³ Exotopia em Bakhtin (2011).

⁴ Acontecimento é o sentido que a proposição/enunciado produziu no eu e no outro, como resultado do embate entre os seus enunciados (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

uma mente liberta desenvolve um potencial para alcançar o planejado e realizar sonhos. Quanto mais se tem a consciência da liberdade mais cresce o exercício dela. O exercício da liberdade é um acto democrático.

O extracto do manifesto eleitoral do candidato, sujeito e parceiro da pesquisa⁵, apresenta um conjunto de intenções governativas que se alinham ao exercício da liberdade, da democracia, aspectos fundamentais para colaboração também no ensino e aprendizagem.

Extracto do manifesto eleitoral do candidato

... da Escola Técnica para Escola de Engenharias da UP.

1. Gestão Inclusiva, Colegiada e Transparente dos recursos institucionais.
 2. Estreitar a comunicação entre docentes, CTA, estudantes para pro(mo)ver a assistência académico-profissional.
 3. Aproximar a ESTEC às comunidades e à indústria através da extensão.
 4. Valorizar a Ciência e a Técnica através do melhoramento das infraestruturas dos cursos (salas de aula, laboratórios de especialidade, bibliotecas físicas e digitais) e Programas de Graduação e Pós-Graduação.
 5. Estimular a utilização de Plataformas de e-Learning para o Processo de Ensino-Aprendizagem e distribuição de objectos de aprendizagem.
 6. Melhorar as condições de trabalho do CTA e Docente.
 7. Fortalecer a Política de Género na formação continuada e nos lugares de gestão.
 8. Promover acções académicas e culturais para a internacionalização da escola.
 9. Estimular a Inovação Científica e Tecnológica através da pesquisa científica colaborativa envolvendo universidades parceiras.
 10. Desenvolver parcerias para apoio pedagógico, financeiro e administrativo.
 11. Criar incentivos para actividades recreativas intra e interinstitucionais.
 12. Ampliar o leque de cursos técnicos (engenharias) da Escola Superior Técnica da Universidade Pedagógica.
 13. Valorizar as ideias de toda a comunidade universitária (docentes, CTA, estudantes) na tomada de decisão.
- Vota na gestão democrática na ESTEC já! (Fonte: Autores)

No manifesto eleitoral do candidato constam expressões tais como: gestão inclusiva, gestão democrática, gestão colegiada e transparente, pesquisa colaborativa. Estas expressões nos remetem ao conceito de colaboração. Neste exemplo, este conceito foi aplicado a serviço das providências para a transformação do manifesto eleitoral e sua implementação como plano de governação, alinhada à satisfação dos objectivos institucionais (Escola Superior Técnica-ESTEC/Universidade Pedagógica-UP). Entretanto, o professor pode apropriar-se desta colaboração para (re)inventar a/na sua prática pedagógica.

A experiência de auscultação/escuta (na perspectiva de Mikhail Bakhtin) das ideias dos potenciais eleitores e daqueles que se identificam com o projecto de uma escola técnica consistiu na produção e distribuição de um questionário pela web. Foram utilizadas as ferramentas tecnológicas *Facebook*, *WhatsApp* e *Google Forms*; onde se buscou a opinião dos sujeitos para uma gestão colaborativa e democrática na ESTEC.

O questionário inicia com um texto apelativo: “Revele o seu olhar sobre a ESTEC...”. É constituído por cinco questões de resposta aberta, possibilitando respostas ao critério dos participantes e, é anónimo. A seguir apresentamos as perguntas do questionário:

1. O que você gosta na ESTEC?
2. O que você sugere que pode melhorar?

⁵ O autor se propõe realizar uma auto-reflexão de si com base em elementos do processo eleitoral e busca o seu envolvimento e analisa-o na perspectiva do outro (leitor, eleitor,...), configurando sua implicação na pesquisa.

3. Qual a sua opinião sobre uma gestão colaborativa?
4. Como é que esse modelo de gestão pode ser alimentado na ESTEC?
5. Como garantir a qualidade dos cursos na ESTEC?

O questionário encontra-se disponível em: “Revele o seu olhar sobre a ESTEC”.

Facebook é uma rede social que interliga bilhões de usuários no mundo. Constitui-se como ferramenta tecnológica que permite aos seus usuários trocar ideias, trabalhar em torno de projectos comuns, partilhar fotos, vídeos e preocupações. *Facebook* serviu para divulgar e partilhar as acções e resultados ligados ao processo eleitoral. Imagens e vídeos dos diferentes momentos de conversa com o eleitorado e amigos da ESTEC. Foi também publicitado e disponibilizado o link de acesso ao formulário, tendo sido produzidos enunciados que refletem um posicionamento responsável dos sujeitos nessas interações. Como prática pedagógica, pode ser aplicado no envio de materiais de apoio, bem como um meio de aproximação com o aluno.

WhatsApp Messenger é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas (texto, imagens, vídeos e documentos em PDF) e chamadas de voz para smartphones. Possui a possibilidade de criação de grupos ampliando o nível de interações entre as pessoas. O *Whatsapp* configurou-se como uma poderosa ferramenta de emissão de alertas e divulgação do manifesto eleitoral do candidato. Foram criados grupos para auscultar e discutir as preocupações por áreas de especialidade, por exemplo, agropecuária, design, informática, electrónica. Com esta ferramenta, aliada à função grupo, é possível criar fóruns de debate e a utilizar algo que está relacionado ao cotidiano do aluno motivando-o a participar activamente colaborando para a atmosfera de ensino e aprendizagem.

Google Forms (Formulários Google) é um aplicativo da Google usado para criar testes e questionários para pesquisas *on-line*. Estes formulários podem ser criados, editados e enviados para outras pessoas. Após as respostas, *on-line*, o *Google Forms* providencia as estatísticas prontas para serem exportadas e analisadas por outras aplicações e sujeitos. Nesta pesquisa, o *Google Forms* serviu para disponibilizar o questionário na íntegra, agregar as respostas dos sujeitos participantes e proceder à análise das mesmas. Na prática pedagógica, esta ferramenta pode ser utilizada para elaborar e disponibilizar testes de avaliação dos percursos de aprendizagem e também da sua própria prática.

Colaboração como estratégia de contemplação do outro

A aplicação do questionário nos diferentes suportes tecnológicos, *Google Forms*, *WhatsApp* e *Facebook* serviu para avaliar o manifesto eleitoral do candidato à direcção da ESTEC e buscar subsídios que pudessem enriquecer o seu programa de governação ou auxiliar na implementação das intenções de governação do candidato que viesse a vencer, numa corrida eleitoral que envolveu quatro candidatos. As respostas ao formulário *online* constituem objecto de análise sob o ponto de vista de produção de sentidos no ensino e aprendizagem e do acto ético na perspectiva de Mikhail Bakhtin.

Dum total de 32 respondentes, foram validados 23 questionários por apresentarem respostas completas a cada uma das cinco perguntas do questionário. O nível médio de respostas a cada pergunta do questionário é 26, correspondendo a 81.26%. A seguir o nível de resposta por pergunta do questionário.

P1: O que você gosta na ESTEC?: 27 respostas: 84.37%

- P2: O que você sugere que pode melhorar?: 28 respostas: 87.50%
 P3: Qual a sua opinião sobre uma gestão colaborativa?: 28 respostas: 87.50%
 P4: Como é que esse modelo de gestão pode ser alimentado na ESTEC?: 23 respostas: 71.87%
 P5: Como garantir a qualidade dos cursos na ESTEC?: 24 respostas: 75.00%

Embora o nosso estudo tem um viés qualitativo, os níveis de resposta anteriormente apresentados podem servir de base para análises quantitativas sob ponto de vista de “não-resposta”⁶. Do ponto de vista qualitativo, estes números podem significar o nível de adesão dos parceiros/sujeitos de pesquisa.

Ao responderem às perguntas do questionário no *Google Forms*, bem como suas interações no *Facebook* e *WhatsApp*, os parceiros de pesquisa revelam um certo engajamento/preocupação com o assunto (projecto de uma escola técnica), com o proponente (candidato à direcção desta escola/faculdade), consigo mesmo, movidos pelo desejo de responder à tarefa a qual foi confiado.

Esta preocupação com o outro (responder, solicitar esclarecimento) configura um acto ético na perspectiva de Bakhtin (2012). Esta mesma prática pode se verificar também no processo de ensino e aprendizagem quando os alunos entre si e com o professor discutem temáticas.

Os enunciados E1 (Figura 1) e E2 (Figura 2) foram extraídos de interações (no *Facebook*) entre o candidato e um eleitor (docente) e é um indicativo deste compromisso responsável e por conseguinte respondível que, ainda na perspectiva de Bakhtin (2012) configura uma ética (como acção) e uma estética (como forma de conceber a interacção).

E1: Vamos ao voto e espero que o eleitor veja em TI uma nova ESTEC, comprometida com os Serviços Digitais Qualificados (SDQ), transformando a UP numa Referência Nacional e Internacional no mundo digital. Se fores Votado, lembre que não lhe chega comodismo, mas sim, um desafio para o início de uma corrida para responder os anseios dos eleitores (estudantes, CTA e docentes)... Força (23/05 às 11:00h)

E2: ..., estamos aqui para colaborar com o desenvolvimento do país intervindo de forma responsável e influenciando às boas práticas nos processos em que estivermos envolvidos! (23/5 às 11:21h)

O E1 é um enunciado de um eleitor reagindo ao convite para responder ao questionário no *Google Forms*. Desta postagem, pode-se perceber o quão significativo foi esta chamada a tal pondo do E1 apresentar-se não apenas como resposta, mas como exortação para uma atitude responsável e de cuidado com os anseios dos eleitores.

⁶ A “não-resposta” é definida como a omissão de informações e qualquer maneira de não responder às perguntas em uma entrevista (DEPNER, 2007, p. 10 apud KARL HENKEL, 2012, p. 1).

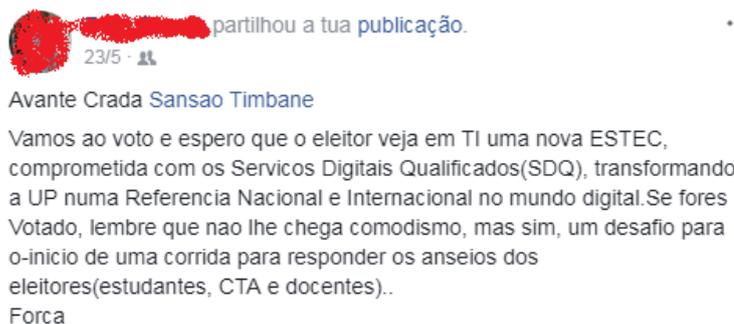


Figura 1 – Enunciado do eleitor.

Fonte: Os autores (2017)

Já o E2 (candidato) é uma reação ao E1 acolhendo as ideias do eleitor. O professor também pode dar essa abertura ao aluno para que ele exercite a colaboração na prática pedagógica do professor e assim ambos contribuírem para o processo educativo.

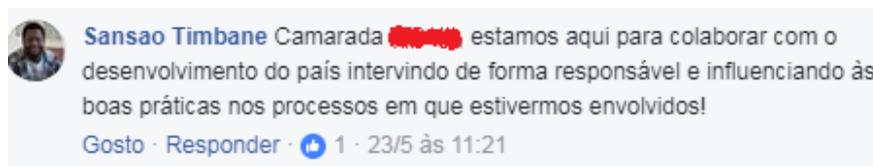


Figura 2 – Enunciado do candidato.

Fonte: Os autores (2017)

A atmosfera na qual estes enunciados foram criados remete-nos também à interpretação como produção de sentidos por parte dos intervenientes em E1 e E2. Para Bakhtin (2011) e Axt (2016), a interpretação se distancia da explicação enquanto coisificação completa, como esclarecimento do texto considerando apenas a realidade material das coisas reduzidas do seu potencial de sentidos, sem o tom emotivo-volitivo. Trata-se de interpretação criadora, que produz novos sentidos.

As figuras 3, 4, e 5 e 6, a seguir apresentadas, enfatizam esta preocupação de não apenas responder ao questionário, como também de se fazer perceber como participante da construção de uma estratégia de governação, indirectamente comunicar que está a colaborar e que, reconhece o valor do instrumento selecionado para a busca de sugestões que enriquecem a proposta governativa.

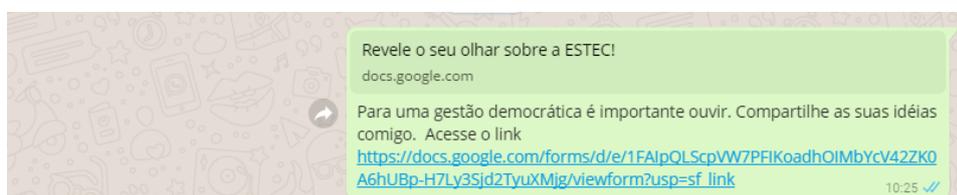


Figura 3 – Partilha do questionário pelo Whatsapp.

Fonte: Os autores (2017)

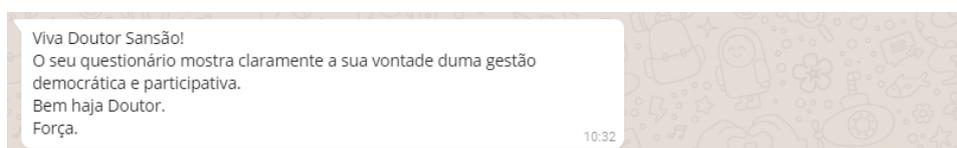


Figura 4 – Primeira reacção ao questionário na Whatsapp.

Fonte: Os autores (2017)

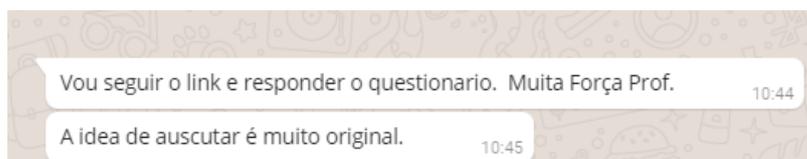


Figura 5 – Apreciação sobre o questionário no Whatsapp.

Fonte: Os autores (2017)



Figura 6 – Apreciação sobre as respostas ao questionário no WhatsApp.

Fonte: Os autores (2017)

Os intervalos de tempo entre a informação sobre a disponibilização do questionário no Whatsapp e a resposta ao questionário, bem como as interações sobre este instrumento e as ferramentas (*WhatsApp e Facebook*) usadas para acolher as contribuições dos eleitores, justificam o compromisso do eleitor no sentido de responder a uma solicitação, portanto, colaboração, sendo o entusiasmo envolvido denotativo do engajamento como resposta activa e responsável do público/eleitor.

O leitor precisa considerar que os sujeitos que tiveram acesso e ou não respondentes do questionário, são potenciais eleitores localizados em todas as delegações da UP onde esta tem cursos da ESTEC em andamento. Muitos destes não possuíam, até aquele momento, nenhuma convivência directa com o candidato, associado ao facto deste ter estado “desligado” da ESTEC por motivos de formação, período em que ocorreu expansão dos cursos da ESTEC nestas delegações e com conseqüente contratação de docentes e CTA para a gestão destes cursos. Portanto, este tipo de sintonia na comunicação encontra explicação nos conceitos de acontecimento em Deleuze & Guattari (2007); Bakhtin (2011) e encontro dos sentidos em Bakhtin (2011).

Devido a limitações que se prendem com a natureza do espaço de publicação deste artigo, apresentamos, a seguir, uma reflexão/interpretação das respostas à pergunta “Como garantir a qualidade dos cursos na ESTEC?”

Para compreender as estratégias que possam garantir a qualidade dos cursos na ESTEC, os eleitores (docentes, CTA⁷, estudantes), foram submetidos a questão 5 do questionário, com pergunta de natureza aberta, onde cada um deles podia dar a sua opinião. Assim dentre as diversas opiniões dos eleitores, a pesquisa mostrou que os eleitores estão preocupados com a posição actual dos docentes, no que tange à capacitação para a qualidade da docência. Assim, é opinião dos eleitores a criação de condições (recursos matérias e humanos).

Na categoria dos recursos materiais foi apontada a necessidade de existência de salas equipadas, o acesso à Internet, bibliografia, laboratórios, meios de ensino tecnológicos, estabelecimento de parcerias para intercâmbios dos estudantes e docentes por forma a estimular a pesquisa.

⁷ CTA sigla para Corpo Técnico Administrativo.

Sobre os recursos humanos, foi arrolada a necessidade de capacitação docente (não tendo sido referenciada se técnica científica, pedagógica, tecnológica), maior envolvimento dos docentes nas pesquisas.

Sobre o currículo, foi apontada a necessidade de avaliação da empregabilidade e relevância social dos cursos da ESTEC.

Diante destes aspectos apresentados como o distanciamento entre o candidato e o eleitor, o facto de disponibilizar questões de natureza aberta e de valorizar a opinião de cada um voltamos a ideia principal deste artigo que é utilizar esta prática de gestão colaborativa como exemplo para o professor na sua prática pedagógica.

Considerações finais

Esta pesquisa caracteriza-se como intervenção pela implicação dos pesquisadores com a pesquisa e campo da pesquisa; pois os autores são ao mesmo tempo sujeitos de pesquisa, enquanto autores do manifesto disparador das interações nos diferentes espaços (face-face, *Facebook*, *WhatsApp*, *Google Forms*), deixando-se investigar e suas vozes ouvidas; como também são autores-leitores-revisores da sua obra, exercitando a auto-reflexão dos seus próprios actos pesquisados e acolhendo com empatia as aprendizagens daí decorrentes.

Nesta pesquisa foi potencializado o *Google Forms* para discutir a questão da participação democrática, da colaboração em processos administrativos com professores (em exercício: docentes e em formação: estudantes). A mesma pode servir para inspirar a que professores, apoiando-se nas ferramentas tecnológicas aqui experimentadas (e outras) possam perceber melhor os seus estudantes (descobrir/conhecer o perfil do estudante) e reorganizar as suas actividades, por exemplo, horários de orientação discente, expectativas de aprendizagem dos grupos.

Com base nos resultados produzidos das interações com os sujeitos de pesquisa, mediadas pelo *Facebook*, *WhatsApp*, *Google Forms*, foi possível reconstituir o texto do manifesto eleitoral, produzir outros materiais (desdobráveis, vídeos) de divulgação do projecto de governação do candidato e, não tendo sido eleito, estas ideias foram partilhadas com o candidato vencedor e actualmente com toda a direcção da ESTEC e utilizadas para a produção do presente artigo.

O estudo permitiu ainda repensar o papel do professor enquanto educador, que não se circunscreve apenas na administração de aulas, como também, precisam e devem ajudar os seus alunos fora da aula, com relação ao ambiente, conteúdos, condições e interações que facilitem a aprendizagem dos alunos; tendo as ferramentas das Tecnologias de Informação e Comunicação como aliado.

Referências

AXT, M. Estudos em Linguagem Interação Cognição/Criação (Lelic): Dos deslizamentos de sentido engendrando um modo de pesquisar-formar. In: AXT, M.; AMADOR, F. S.; REMIÃO, J. A. A. (Org.). **Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação**. Porto Alegre: PanoramaCrítico, 2016. [e-book]

BAKHTIN, M. **Estética de Criação Verbal**. 6ª ed. Prefácio Tzvetan Todorov; Introdução e Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para Uma Filosofia do Ato Responsável**. 2ª ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2012. Tradução Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco.

BERNERS-LEE, T. et al. The World-Wide Web. **Communications of the ACM**, v. 37, n. 8, p. 76-82, ago., 1994.

CARVALHO, A. A. Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS. **Sísifo/Revista de Ciências da Educação**, n. 3, p. 25-45, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1**. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 2ª ed. (5ª reimpressão). Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

ELIAS, C. R.; AXT, M. Quando aprender é perder tempo... compondo relações entre linguagem, aprendizagem e sentido. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2004.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 1ª ed. (4ª reimpressão - 2006). Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda., 1992.

HENKEL, K. Análise da não resposta em surveys políticos. **Opinião Pública**, São Paulo - Campinas, v. 18, n. 1, p. 216-238, jun. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3ª edição. São Paulo- Brasil: Editora 34, 2011.

MACHADO, M. C.; AXT, M. Entre Avatares do Virtual e Personagens da Literatura: a estética da *persona* infantil. In: HETKOWSKI, T. M.; MULLER, D. N.; AXT, M. (Orgs.). **Cultura Digital e Espaço Escolar: diálogos sobre jogos, imaginário e crianças**. Salvador: EDUNEB, 2014.

MACHADO, M. C.; AXT, M. **Manifesto Eleitoral do Candidato**. Sansão Albino Timbane. Primeiras eleições para Director de Faculdades e Escolas, UP 2017. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScpVW7PFIKoadhOIMbYcV42ZK0A6hUBp-H7Ly3Sjd2TyuXMjg/viewform>>. Acesso em: 17 jul. 2018.